

ENTREVISTA/ ANTONIO CARLOS MAGALHÃES

Governo deve dizer sim para ter Congresso como aliado, diz ACM

CRISTIANA LOBO •
BARTOLOMEU RODRIGUES, da AE

O Governo precisa aprender a dizer "sim" aos políticos, se quiser ter o Congresso como aliado, e realizar "pequenas grandes obras" nas regiões mais carentes do País. A receita é simples, começou a ser adotada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso, mas ainda não desceu aos ministros, que continuam cometendo erros capitais, na avaliação do senador Antônio Carlos Magalhães (PFL-PE). Mesmo assim, ele não acha que seja hora de mexer no time, até porque o comandante "é ótimo" e aprende rápido. O que o Governo precisa, segundo ele, é sintonizar com o Congresso, que tem refletido a posição do povo nas ruas. Se ouvisse seus conselhos, o Presidente retiraria, por exemplo, a emenda da Previdência do Congresso neste momento. "Aliás, nem teria enviado."

Ferino nas críticas, Antônio Carlos Magalhães, acha também que chegou o momento de passar a limpo o Judiciário, que tem escondido seus erros no manto do corporativismo. "Gostaria de dizer o que penso sobre a seriedade de muitos juizes, mas também da negligência de alguns", respondeu, com ironia, a uma possível intimação do Supremo Tribunal Federal (STF) para que explicasse as críticas que vem fazendo ao Judiciário.



Para ACM, Cardoso é ótimo, "mas ao seu time falta experiência"

Pergunta — O Congresso engoliu o Governo, obrigando-o a recuar nas reformas?

Antônio Carlos Magalhães — Não houve um recuo do Governo. No caso da Previdência, acho que o Governo agiu sensatamente. No meu entender, o Governo nem devia ter enviado essa emenda. O problema com a emenda da Previdência aconteceu porque o Congresso precisava ser melhor esclarecido. O Governo às vezes não esclarece como deve não só a classe política, como também a opinião pública. O pessoal da baderna, da CUT, aproveitou-se então dos aposentados para fazer uma campanha contra as reformas de um modo geral. Na realidade, os aposentados estão servindo de manobra.

— Seria mais prudente retirar a emenda da Previdência do Congresso?

ACM — Eu retiraria. Digo mais: essa emenda não devia sequer ter sido enviada. Ou então modificaria, de acordo com os interesses que não chocassem a opinião pública nem os próprios aposentados. Divulgaria melhor, já que os interesses do Governo não se chocam de forma nenhuma, com os aposentados do Brasil.

— A aliança Lula-Brizola deixa os aliados do Governo preocupados?

ACM — Lula foi rejuvenescer com o velho Brizola. E Brizola foi deixar a sua aposentadoria com Lula, que não trabalha há muito, muito tempo. É a preguiça de Brizola, que nunca trabalhou em Governo algum, com Lula que vive como um profiteur do PT.

— Onde o Governo está errando para unir tantos adversários?

ACM — Não dou nenhuma importância a isso. Tire os aposentados que até Brizola sai. Ele também está aposentado na política.

— Mas o sr. mesmo admite que o Governo não se comunica bem...

ACM — O Fernando Henrique está se comunicando melhor, sobretudo depois de Fortaleza, onde sua figura apareceu autêntica. Ali, ele respondeu a uma minoria que derrotou nas urnas, mostrou-se indignado, encarnou seus 34 milhões de eleitores. Mas o Governo não, não está comunicando bem. Muitos ministros não têm falado; outros, falam fora de hora. O Governo precisa também fazer coisas positivas, precisa entender que não vive apenas de responder "não".

— Dê nomes aos bois.

ACM — Prefiro não dar nomes, mas são quase todos. A única coisa boa que estão fazendo é o combate à inflação, que continua rigoroso. É um êxito absoluto da área econômica. Mas mesmo assim a área econômica pode fazer, aqui e ali, princi-

palmente nos estados que mais necessitam, programas importantes de pequenas grandes coisas. Isso não vai prejudicar em nada o programa contra a inflação. Pelo contrário, vai refleti positivamente na sustentação do Governo no Congresso.

— Mas o Presidente disse que não se esperasse de seu governo nada de impacto. Não seria mais um problema de articulação política?

ACM — O Presidente é o articulador. As pessoas do Congresso precisam se entrosar mais com ele. Ninguém quer fazer fisiologismo, mas os políticos não podem ser inculcados quando indicam pessoas, honestas e competentes, para cargos. Se não fizerem isso, então quem indica são os tecnocratas. Existem, é lógico, cargos sagrados, exclusivos do Presidente, na área financeira, Banco do Brasil, Receita Federal...

— Isto não é toma-lá-dá-cá?

ACM — É preciso acabar com este falso sentimento de moralidade. Para o tecnocrata não seria a mesma coisa? São Francisco só pode ser padroeiro dos políticos, de tecnocratas, não?

— A quase cem dias do governo, é hora de mexer no time?

ACM — Não. O time é bom, o comandante do time é ótimo. Apenas o time não foi preparado no intervalo entre a eleição e a posse. Entrou

em campo sem ser esquentado. Isso acontece por falta de experiência. Eles agora estão começando a ter essa experiência do poder. O poder, quando exercitado, é bem diferente.

— O Governo é arrogante, como dizem seus adversários?

ACM — A postura do intelectual às vezes parece arrogante. É uma postura que se distancia do comum, mas não é desejável para o contato político. Isso muda com o tempo. Acho mesmo que o Governo vai tomar um novo ritmo.

Tem alguém mandando demais no Governo?

ACM — Tem alguém falando mais do que deve. E o pior é que ninguém está mandando quando precisa.

— Como está a sua relação com o ministro das Comunicações, Sérgio Motta?

ACM — Boa, boa... Eu não lhe peço nada, nos respeitamos e acho que mereço o respeito dele. Sou um bom aliado, não tenho por que tratá-lo mal, na medida em que sou bem tratado.

— Fale mal do Governo.

ACM — O Governo começou errado. Não preparou, no período da eleição para a posse, um grupo para trabalhar projetos. Se tivesse trabalhado um projeto, estaríamos agora discutindo coisas concretas. Perdeu-se muito tempo.

— Fale bem.

ACM — O comandante é ótimo, é inteligente, é capaz, aprende com uma facilidade enorme. Só que o comandante precisa saber que essas qualidades não são suficientes para se chegar ao êxito total.

— O que levou o sr. a brigar com o Poder Judiciário recentemente?

ACM — O Judiciário é uma questão à parte. Tenho comigo mais de 600 mensagens de todo o Brasil denunciando coisas graves cometidas na Justiça do Trabalho, na Justiça Comum, no Superior Tribunal de Justiça (STJ), nos tribunais federais e até no Supremo Tribunal Federal. Tenho aqui um acórdão de 1991, do Supremo, que só foi publicado agora, talvez em função das críticas que venho fazendo a esse poder. Só o juiz que não é decente reclamou das minhas críticas. Foram poucos os que reclamaram. Recebi uns dois ou três protestos. Procurei saber sobre a vida deles. Infelizmente não tive boas notícias. A falta de atividade leva ao corporativismo. Os juizes não julgam os crimes praticados por seus colegas, são coniventes.

— O sr. é a favor do controle externo do Judiciário?

ACM — Acho que deveria haver um corregedor no Judiciário, mas não há, o controle externo será inevitável. Meu discurso foi uma alerta para a Justiça consertar-se e evitar o controle externo.